

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 13/07/1960 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Arte concreta e Arte Informal

ASSUNTO: Paraense crítica Jayme Maurício por apoiar qualquer corrente de arte.

Feira, 11 de Fevereiro de 1960

correio da manhã 11-2-1960

2.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

ARTE CONCRETA E ARTE INFORMAL

Instável, incoerente, — eis alguns dos qualificativos que a jovem intelectual paraense — tinha que ser do Pará — atribuía ao colunista por ter dado estímulo e espaço ao que ele chamou "correntes antagônicas" dos artistas brasileiros.

— Há alguns anos, era só concretismo, Max Bill, Maldonado, Serpa, Vieira, Weissmann e outros da mesma tendência. Agora são os "informais" ou tachistas — Mabe, Persio, Nicolau, Cravo e outros. De permeio, uma inesperada alegria com Portinari, Di, Maria Martins, Goelidi. A gente nunca sabe qual vai ser a sua posição no próximo ano...

Sem o saber, a moço estava nos fazendo um louvor em todos os sentidos. Cultivamos a flexibilidade, o desejo de saber e descobrir coisas, o espírito aberto a todas as manifestações do talento, participando da atual crise da pintura contemporânea que reflete jornalisticamente nesta coluna. E desconfiamos muito das profundas convicções estéticas, das teorias ortodoxas, do intelectualismo que pretende ditar leis aos artistas. Ao contrário — somos um reflexo humilde e sincero da criação dos artistas em todas as suas gamas e variações. Não tomaremos jamais qualquer posição negativa em relação aos artistas mais velhos que nos antecederam e dêam o seu recado com grandeza e profundidade, exclusivamente porque no momento as buscas são outras e não se pode seguir copiando-os.

No momento, dedicamos o nosso esforço aos chamados informais (Bandeira, Mabe, Tanaka, Persio, Nicolau, etc.) porque realizam obras que nos parecem um passo adiante na descoberta de novos elementos de emoção visual — e porque precisam também ter a sua oportunidade, depois de anos de adoração concretista. Mas nem por isso esquecemos os concretos. Tratamos de mostrar os concretos de São Paulo no Museu do Rio em abril próximo, quase ao mesmo tempo que a individual de Mabe, a remessa para Veneza, a individual de Bandeira. Não há nem poderia haver uma posição ortodoxa, nem a pretensão de estarmos de posse da verdade da atual pintura.

No Brasil, como em quase todos os demais países, existe atualmente uma oposição entre os pintores que glorificam o

movimento, a matéria, a cor vibrante, o improvisado, a embriaguez, e os que cultivam a medida, a ordem e a organização refletida. Com acentuada predominância dos primeiros sobre os segundos. Sem maior novidade — desde Kandinski e Mondrian, para ser mais recente, é o mesmo antagonismo.

Retrocedesmos mais e encontraríamos ao lado de um Rubens — Possin, de Rembrandt — Vermeer, de Delacroix — Ingres, de Monet — Seurat, do Picasso inicial — Juan Gris. E há ainda aquele grupo magnífico que reúne num estilo personalíssimo grande parte daqueles elementos aparentemente antagônicos. Como em Alfredo Volpi. Ou em Milton Dacosta.

Pode alguém negar o alívio que se sente numa exposição quando encontramos telas bem construídas e planejadas depois de uma suíte de quadros pastosos e vibrantes? E vice-versa? Ora, moço, a sua inteligência devia reconhecer que as suas possibilidades se intensificam mutuamente. É um contraste de tensão significativa. Como na música — depois de uma tela plena de élan vital, uma fuga. Ou como na própria respiração — desculpe o tom didático — em que tanto o fluxo como o refluxo é necessário à vida. Tanto a posição do concreto, nesse desejo de descobrir com superfícies aparentemente estereis e vazias as últimas conseqüências a estrutura do sentimento, como na dos informais, que se deixam líricamente levar pelo sensualismo das formas acidentais, da matéria, da cor — há mundo de coisas para ver sentir.

Para terminar, o que seria preciso evitar a todo o preço é o excesso de intelectualismo, de teorização (como vem de lembrar Malraux), de ortodoxia. Ninguém é contrário ao intelectualismo, é claro. Seria idiota. Mas em arte ele é perigoso — poderá vir a ser um inimigo mortal da arte asfixiando as pulsações da vida, condição essencial para o artista, para a arte. O intelectualismo enciclopédico, desse tipo tão terrivelmente cultivado no Brasil, não cabe nas artes plásticas. Para elas só terá utilidade quando as encaminha para o essencial, concentrando sua força vital, vigorizando-as. E isso representa toda uma vida, uma jornada nem sempre agradável por milhares de exposições, museus, ateliers... Depois de vencida a fase inicial intelectualística.

A sra. William Hearst, categórica:

"O MUSEU DO RIO É SUPERIOR AO GUGGENHEIM"



A condessa Pereira Carneiro ao colunista: "O 'Jornal do Brasil' também tem colaborado com a obra notável do Museu". E, adiante, em face do louvor que se fez ao suplemento daquela fôlha: "Todos são contra tamanho gasto de papel. Respondo sempre que é um luxo que me permito a mim mesma. Em vez de uma jóia, gasto no suplemento". Ao lado, a sra. William Hearst com a sra. Estela Marinho

— Estou impressionadíssima com a extraordinária obra que vocês estão realizando com este Museu. É verdadeiramente fabuloso. Seja a arquitetura que é harmoniosa, equilibrada, elegantemente austera, sejam os jardins, originais e tropicais, seja o espírito que preside e anima a instituição. Eu não esperava encontrar um tal museu no Brasil, embora soubesse do seu desenvolvimento artístico. Ainda recentemente tive oportunidade de ver o já famoso Museu Guggenheim, em Nova York, última obra do nosso Franck Lloyd Wright. Fiquei horrorizada com tudo. É feio de forma, chocante na paisagem, iluminação deficiente — horrível. Já começava a ficar com péssima impressão da arquitetura moderna em Museus. Até que tive o prazer e a alegria de ser convidada pela sra. Carmen Portinho para vir almoçar neste Museu com outras senhoras. E felizmente desfiz toda a impressão anterior. Lamento não poder conhecer pessoalmente o arquiteto Reidy para felicitá-lo. Seu museu é incomparavelmente superior ao de Wright.

Estas foram as declarações da sra. William Hearst (o poderoso chefe da maior cadeia de jornais, revistas, rádio e televisão dos EE. UU.), que terça-feira última almoçou no restaurante do Museu de Arte Moderna do Rio, a convite de Carmen Portinho, diretor-executivo adjunto, juntamente com a condessa Pereira Carneiro, sras. Estela Marinho, May Pezzi, Beata Vettori, Tuní Murinho, Laura de Barros Moreira e Helena Vahlis.

Além desse depoimento sincero e expressivo numa senhora de tamanho prestígio e responsabilidade, antiga jornalista, disse-nos que a sua coleção de arte era todo o acervo do seu sôgro — primitivos, flamengos, renascentistas, etc. Dos modernos, Picasso e Dufy apenas. Uma vontade danada de fazer algumas sugestões à poderosa e bonita senhora americana: visse também os atuais, ainda que só americanos e bastaria, como Pollock, Tobey Kline, Rethko, um Caldersinho... Mas certamente não ficaria bem, seria novamente chamado de gaffeur, embora a inteligente Mrs. Hearst talvez gostasse. E não dissemos nada.



o Museu, a sra. William Hearst entre as sras. Beata Vettori, Carmen Portinho, condessa Pereira Carneiro e Laura de Barros Moreira